

CORREIO POLÍTICO

Tomaz Silva/Agência Brasil

POR
RUDOLFO LAGO

Grass ainda guarda vice para o PSB

Grass: união no DF seria importante para Lula

O ex-presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) Leandro Grass lança sua pré-candidatura ao governo do Distrito Federal no dia 19 de abril. Junto, serão lançadas as candidaturas da deputada Erika Kokay (PT) ao Senado e da senadora Leila Barros (PDT), que tentará a reeleição. Grass reserva o posto de vice-governador para o PSB. Para o ex-interventor na Segurança Pública do DF Ricardo Capelli ou para algum outro nome que o partido indique. O PSB, porém, resiste. Capelli também é candidato ao governo do DF e, por enquanto, não demonstra intenção de desistir. Grass conversa com o PSB, assim como com outros partidos, mas evitando uma pressão excessiva.

Situação pode atrapalhar a ambos

Mas, junto à equipe de Grass, há a convicção de que a insistência nas duas candidaturas pode acabar atrapalhando ambos os projetos. Um histórico das eleições no Distrito Federal mostraria que as derrotas do grupo da esquerda na capital federal aconteceram justamente quando o grupo não se uniu. Essa falta de unidade estaria na explicação do fato de a esquerda ter governado o DF três vezes e ter perdido a hegemonia para a direita.

Martha Imenes/Correio da Manhã



Ricardo Capelli também é candidato pelo PSB

PSB teve candidato até agosto

Em 2022, o PSB teve um candidato próprio ao GDF até agosto. Somente aí é que acabou aderindo à candidatura de Leandro Grass que, ao final, perdeu as eleições para Ibaneis Rocha (MDB), que se reelegeu governador. Há uma avaliação de que o atraso no posicionamento do PSB acabou enfraquecendo a aliança. E mesmo o desempenho do próprio PSB. O ex-governador Rodrigo Rollemberg, por exemplo, só conseguiu se tornar deputado federal quando o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mudou a interpretação sobre as "sobras eleitorais".

Em 2018, Rollemberg apoiou Ciro

Em 2018, então governador, Rodrigo Rollemberg apoiou a candidatura de Ciro Gomes, do PDT, contra o candidato do PT, que foi Fernando Haddad, derrotado por Jair Bolsonaro, que se elegeu presidente. Rollemberg tentou a reeleição como governador e perdeu para Ibaneis Rocha. O PT teve como candidato a governador Júlio Miragaya, que teve somente 4% dos votos.

Embolou

No DF, a única pesquisa para governador feita este ano é do Instituto Veritá, em março. Ela mostra que a crise do Banco Master/BRB embolou a corrida eleitoral, com um empate quádruplo, entre José Roberto Arruda (PSD), a governadora Celina Leão (PP), o senador Izalci Lucas (PL) e Grass.

Celina

Nessa pesquisa, Arruda tem 24%. Celina, 22%. Izalci, 21,5%. E Grass, 21,4%. Capelli, somente 4,7%. As pesquisas internas, mais recentes, feitas pelo PT também mostram esse cenário embolado. Mas apontam para uma vantagem maior de Celina, não de Arruda, como apontou esse levantamento de março.

Pandora

Na sua pesquisa interna, o PT perguntou aos entrevistados se eles tinham conhecimento da Operação Caixa de Pandora, aquela que condenou Arruda e o tornou inelegível. Diante da resposta positiva, 36% disseram que não votariam em Arruda pelo seu envolvimento nesse caso. E associam isso ao caso Master.

Elegível

Arruda ainda não tem segurança absoluta de que está elegível. Entende que a mudança que houve na Lei da Ficha Limpa muda o tempo de inelegibilidade e o beneficia. Essa questão, porém, ainda está na Justiça. Se o entendimento prevalecer, Arruda ainda estaria inelegível até 2032. Pode acabar concorrendo sub judice.

Chance

Toda essa confusa situação no DF depois da eclosão da crise Master/BRB deu uma possível chance à esquerda que antes não parecia ter a menor chance de acontecer. Tanto que a mesma pesquisa Veritá aponta para a chance de Erika Kokay conseguir uma vaga para o Senado atrás de Michelle Bolsonaro.

Oportunidade

Assim, a avaliação do PT é que uma união de forças agora seria importante, especialmente para Lula, que teria um palanque consolidado no DF, fortalecendo-se. E para os partidos aliados a ele que, diante do quadro de confusão que o caso Master/BRB, teriam agora uma janela de oportunidade.



Lula quer Pacheco, mas situação ficou mais difícil

Após Messias, Pacheco não deve sair em Minas Gerais

Alternativa governista pode ser ex-prefeito de BH Alexandre Kalil

O presidente do PT, Edinho Silva, disse a correligionários nesta terça-feira (5) que o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG) não deve concorrer ao governo de Minas Gerais. Ele era o nome favorito do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para encabeçar uma chapa na eleição estadual e apoiá-lo na disputa por um novo mandato à frente do Palácio do Planalto.

Edinho falou sobre o assunto com correligionários em reunião do Grupo de Trabalho Eleitoral (GTE) do PT. O órgão partidário se reúne semanalmente para discutir as alianças para a disputa deste ano.

Pacheco em momento algum fez um movimento decisivo para se candidatar, o que já vinha incomodando petistas. Além disso, setores do PT avaliam que ele ajudou o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), na articulação que levou à rejeição do indicado de Lula para uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF), Jorge Messias.

O presidente da República, porém, havia indicado a aliados que ainda queria insistir na aliança. Edinho ainda deve tentar conversar com o senador sobre o assunto.

A cúpula do PT também decidiu procurar o ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PDT) para discutir uma aliança com Lula em Minas Gerais. Kalil é pré-candidato ao governo do

estado, e o PDT busca apoio petista para a eleição mineira.

A aliança em Minas Gerais é um dos principais problemas da candidatura de reeleição de Lula. O estado é o segundo com mais eleitores no país. O petista precisa de aliados fortes no local para dar volume à sua campanha.

A montagem de um palanque para Lula em Minas Gerais foi um dos assuntos do jantar que o PT promoveu em Brasília nesta segunda-feira (4) para arrecadar fundos. O presidente da República não participou do evento.

Quando as suspeitas sobre a lealdade de Pacheco foram levadas a Lula, em reunião no Palácio da Alvorada após a derrota de Messias, o petista respondeu que ele continua sendo o candidato do grupo e que a votação no Senado não tinha relação com a campanha eleitoral. Há dúvidas, porém, sobre a disposição da base do PT com a candidatura de Pacheco diante do desgaste causado pela rejeição de Messias.

Aliados de Pacheco veem como injusta a suspeita de que ele tenha atuado contra o governo e dizem que, pelo contrário, ele ajudou Messias.

Segundo esses relatos, foi o senador quem levou o advogado-geral da União para o evento na casa do ministro do STF Cristiano Zanin em que ele teve a oportunidade de conversar informalmente com Alcolumbre.

Catia Seabra (Folhapress)